

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA E A SUA
HISTÓRIA RECENTE: O CASO DAS CORRESPONDÊNCIAS
ENTRE JEAN CANTINEAU E A. G. HAUDRICOURT

Jean-François Bert*
jeanfrbert@hotmail.com

RESUMO: Este artigo busca apresentar e experimentar um novo modelo de análise da correspondência científica, apoiando-se naquela trocada pelos linguistas A. G. Haudricourt e J. Cantineau a respeito da tradução e da publicação dos *Princípios de Fonologia* de N. Troubetzkoy em 1949.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística, fonologia, metodologia, história das ciências humanas.

Após a Segunda Guerra Mundial, um livro de linguística tornou-se emblemático da abordagem estruturalista e de sua valorização das conexões profundas que existem entre as diferentes ordens de fatos. Os *Princípios de fonologia* de N. S. Troubetzkoy¹, traduzido em francês por Jean Cantineau e publicado em 1949 pela editora Klincksieck, ainda considerada como a melhor iniciação à fonologia estrutural, descreve precisamente como o sistema dos fonemas de uma língua impõe severas restrições às mudanças fonéticas que a língua pode sofrer. Mas não apenas. Para leitores oriundos de outras disciplinas que não a linguística ou a fonologia – por exemplo, a antropologia social – fornece um novo princípio de descrição da realidade social.²

Não se tratará aqui do conteúdo deste livro fundador, nem mesmo de mostrar como ele se tornou um modelo metodológico que foi exportado para uma grande parte das ciências sociais³.

Com efeito, a recente descoberta de uma correspondência⁴ entre Jean Cantineau (1899-1956), o autor da tradução da francesa, e o linguista e fonólogo André Georges Haudricourt (1911-1996), cujos arquivos estão sendo inventariados no *Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine* (IMEC),

* Professor na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* em Paris. Artigo traduzido por Raquel Machado Gonçalves Campos e Marlon Salomon.

permite-nos reconstituir a história da fabricação e da edição desta obra e tentar evidenciar um novo quadro geral de análise das correspondências em uma história social das ciências humanas – quer dizer, em uma história que se ocupe em compreender o quadro no qual a obra foi produzida e o que ela significou em seu tempo.

Trata-se de mensurar o papel desempenhado por esta correspondência científica na construção de um novo saber – a fonologia diacrônica; de analisar as informações, em grande parte inéditas, que estas cartas colocam à disposição do historiador concernentes ao exercício rotineiro do ofício de linguista em meados do século XX; e de revisitar a história de uma disciplina, durante muito tempo designada como a disciplina modelo das ciências humanas, a partir de suas redes, das posições científicas sustentadas por uns e por outros e do jogo de influências. Relembremos que o trabalho do linguista, como o do historiador ou do antropólogo, é um trabalho como qualquer outro; eis o que retemos da *démarche* praticada por Jean-Michel Chapoulie que, no caso dos sociólogos da escola de Chicago, lembra que o pesquisador “tem suas técnicas de produção, seus problemas de carreira, suas reivindicações coletivas, suas ideologias profissionais” (CHAPOULIE, 2005, p. 105).

Uma primeira proposta permite evidenciar os complexos processos de negociação que presidiram o reconhecimento da fonologia como disciplina autônoma e inovadora. Partimos do princípio de que uma história da linguística, como a das demais ciências humanas, não pode simplesmente ocupar-se de tratar das teorias passadas como um conjunto de enunciados. Da mesma maneira, este tipo de material documental (correspondências, arquivos de instituições, mas também documentos pessoais) é importante para fazer uma história social de nossas disciplinas que, ao mesmo tempo, teça as relações científicas, mas também os diversos determinantes sociais que cercam um pesquisador e seu projeto de pesquisa. Dispor de correspondências é abrir uma caixa preta e tomar conhecimento das correntes, dos jogos e questões institucionais, e das relações pessoais que governam o mundo científico. É importante relacionar as teorias científicas – também para as ciências ditas sociais – a práticas, condições institucionais, indivíduos, cuja ação e influência sobre o devir de um objeto de pesquisa devem ser hoje reavaliadas.

Precisemos, contudo, que o acesso a este tipo de correspondência científica não permite descrever a totalidade do campo e das posições dos diferentes atores implicados. Para além das simples circunstâncias, ela permite, sobretudo, avaliar o estado do campo da linguística no momento

da publicação dos *Princípios de fonologia* e oferecer dele uma imagem mais precisa, ao evidenciar a diversidade interna das orientações científicas que então faziam parte da linguística e da fonologia.

A CENA: DOIS ITINERÁRIOS CRUZADOS

Uma vez que se trate de restabelecer a confusão das lógicas sociais que participam da constituição e da difusão dos discursos científicos, a biografia dos principais atores é um ponto de partida quase que etnográfico, que permite observar as lógicas de ação e de carreira em curso. Indicações que são tanto mais importantes no caso de Jean Cantineau e de A. G. Haudricourt, na medida em que, durante suas carreiras, eles foram ativos em um grande número de domínios diferentes.

Licenciado em Letras Clássicas em 1926, Jean Cantineau segue os cursos de Isidore Lévy e Marcel Cohen na Escola de Altos Estudos. Leciona em Argel, sob a direção do decano Louis Gernet, como professor de linguística geral e semiótica comparada, a partir de 1933. Autor de vários livros de fonologia – entre os quais, *Dialecte arabe de Palmyre* (1934) ou suas *Réflexions sur la phonologie de l'Arabe marocain* -, Cantineau torna-se, em 1947, titular de línguas orientais da cátedra de árabe oriental, função que ele irá ocupar até o ano de sua morte⁵.

Interino no *Muséum* ao final dos anos trinta, A. G. Haudricourt integra com dificuldade o CNRS, em 1939, a princípio na seção de biologia vegetal sob a direção de Auguste Chevalier, depois na seção de linguística geral. Além de importantes trabalhos de etnologia e de botânica, como *L'homme et les plantes cultivées*, que ele publica, em 1943, com Louis Hédin, Haudricourt publica, a partir de uma solicitação de Marcel Cohen, em *Travaux du cercle linguistique de Prague*, seu primeiro artigo de linguística intitulado “Quelques principes de phonologie historique” (1939), no qual tenta calcular o número máximo de fonemas que se pode obter com o mínimo de articulações diferentes. Em 1947, é sob a orientação de André Martinet (1908-1999) que ele defende uma tese sobre a fonologia estática e diacrônica dos dialetos galoromanos. A segunda parte de seu trabalho, ainda que abertamente criticada por Mario Roques (1875-1961) e Albert Dauzat (1877-1955), então diretor na Escola Prática de Altos Estudos (EPHE), será objeto de, com a ajuda de Alphonse Juilland (1923-2000), uma publicação pela editora Klincksieck, em 1949, sob o título *Essai pour une histoire du phonetisme français*. O prefácio da obra, redigido por André Martinet, dá razão ao método revolucionário de Haudricourt que consiste, lembremo-lo, em comparar entre si estru-

turas fonológicas: “ao invés de fazer a história dos fonemas independentes, tentamos fazer a história de sistemas fonológicos considerados em seu conjunto [...], tentamos interpretar as mudanças que atingem o conjunto das realizações como o resultado da pressão exercida por fatores externos em vista da reação provocada pelas condições internas que caracterizam os sistemas em causa” (MARTINET, 1949, p. 27).

É no período em que é destacado para o cargo de bibliotecário na Escola Francesa do Extremo Oriente de Hanoi (EFEO), de abril de 1948 a setembro de 1949, que Haudricourt aborda aquilo que irá se tornar sua especialidade em fonologia, a saber: as línguas tonais, a história das línguas vietnamitas e a questão das similitudes gramaticais próprias das línguas da península indochinesa.

Este breve panorama permite observar que a posição destes dois autores no campo da linguística variou fortemente, como, aliás, variou fortemente na França a posição da linguística em relação ao campo intelectual em seu conjunto⁶.

Fortemente marcada, durante os anos trinta, pelo ensino de A. Meillet e de J. Vendryes, que tentaram elaborar uma explicação sociológica e histórica da mudança linguística⁷, foi um outro duo de linguistas que, ao cabo da Segunda Guerra Mundial, tomou a frente da disciplina: R. Jakobson, em Harvard e no MIT, mas também André Martinet, que a partir de 1947 dirige a revista *Word*⁸. Sobretudo, a linguística francesa perdeu sua posição central. O eclipse das universidades alemãs e a pouca notoriedade da escola americana, tcheca ou russa haviam dado aos linguistas franceses a impressão de uma posição sem rival. Após a Guerra, são os EUA com o estruturalismo, mas também com as transformações introduzidas pelo uso da matematização e, cada vez mais generalizado, da informática, que vão ocupar este lugar de líder incontestado⁹.

A saída de Martinet da cátedra de fonologia da EPHE deixa vago por vários anos o ensino desta disciplina, ainda que Haudricourt o tenha substituído durante algum tempo, em condições pouco invejáveis¹⁰.

A linguística francesa do pós-guerra é igualmente marcada pela figura de Marcel Cohen (1884-1974). É ele quem aproxima Haudricourt e Martinet, mas também Cantineau e Haudricourt. Apesar de seu lado por vezes dogmático, Marcel Cohen desempenhou então um papel de catalisador para esta nova geração de pesquisadores (BERT, 2009). Sensível às novidades e ainda que, contrariamente a Lucien Tesnière, J. Vendryes, Émile Benveniste ou A. Martinet¹¹, nunca tenha participado das publicações de trabalhos do Círculo Linguístico de Praga, Cohen conhecia bem a

obra de Troubetzkoy e dos outros foneticistas da Escola de Praga ou da de Copenhagen com Jespersen.

Se voltarmos a nossa proposta concernente às condições de fabricação e de edição dos *Princípios de fonologia*, vários elementos factuais são fornecidos por Jean Cantineau em seu prefácio. É por uma razão pessoal, entre 1941 e 1942, que ele decide traduzir os *Grundzüge*, e isto apesar de seu conhecimento medíocre do alemão. A tradução só foi concluída em julho de 1945. Quatro anos durante os quais, observa Cantineau, o interesse dos linguistas franceses pelos *Princípios* de Troubetzkoy evoluiu consideravelmente: “Entrementes, questionando meus colegas da Argélia e da metrópole, me dei conta de que esta obra capital era profundamente ignorada na França, a língua na qual ela estava redigida constituía uma verdadeira barreira. Foi assim que me veio a ideia de publicar minha tradução” (CANTINEAU, 1949, p. IX-X).

Cantineau conclui seu prefácio com os agradecimentos tradicionais: a Jakobson, por ter apresentado o texto alemão e pelas retificações; a J. Tubiana, por suas sugestões; à Faculdade de Argel, por sua ajuda financeira; a A. Basset, professor de Línguas Orientais; a M. Meile, por sua releitura do tâmil; e a M. Mirambel, pela do grego moderno. Em momento algum, Haudricourt aparece nesta lista. Uma ausência que é bastante inquietadora, se consideramos que sua correspondência com Cantineau precisa, em detalhe, sua implicação na fabricação e edição da obra. Qual é o significado desta ausência? O que podemos dizer sobre ela? De que maneira esta correspondência com Cantineau permite-nos reavaliar o conjunto deste dossiê que é incontornável para qualquer um que tente compreender esta reviravolta fonológica da linguística francesa e do conjunto das ciências humanas?

UMA PARTE DOS BASTIDORES: A CORRESPONDÊNCIA

Datada de 30 de agosto de 1947, a primeira carta de Jean Cantineau é uma longa avaliação do trabalho fonológico de Haudricourt. Ele sublinha imediatamente a empresa ambiciosa e corajosa por meio da qual Haudricourt quer analisar as evoluções fônicas: descrevendo a língua como um sistema que se compõe de elementos ligados uns aos outros e que evolui em seu conjunto, mas também oferecendo um certo número de explicações a tipos de mudanças linguísticas que permaneciam até então inexplicáveis para os linguistas. Cantineau releva, não obstante, o aspecto fragmentário do manuscrito. Em sua opinião, uma publicação necessitaria separar o que diz respeito ao ponto de vista sincrônico e ao ponto de vista diacrônico. A carta de Cantineau termina com uma crítica às estratégias editoriais que Haudricourt quer adotar

para a publicação de seu manuscrito, e em particular sobre a possibilidade de uma publicação no exterior:

Sua ideia de imprimi-lo na Romênia não é má – mas temo algumas dificuldades: 1. com a questão do câmbio no momento do pagamento; 2. com a alfândega no momento da entrada na França dos exemplares impressos. Saiba que foram necessários quatro meses de negociações frequentemente acerbas entre a Faculdade e a alfândega de Argel para que 50 exemplares do meu livro sobre ‘os dialetos árabes do Hôran’ destinados a serem distribuídos gratuitamente aos colegas da África do Norte fossem liberados. Aliás, se o seu trabalho for dividido, ele poderá aparecer sem custos em revistas francesas e a questão não mais se colocaria (CARTA de 30 de agosto de 1947).

É em outubro de 1948 que Cantineau anuncia ter “enfim” enviado a versão final dos *Princípios*, e isto apesar das importantes dificuldades financeiras que cercam o projeto desde que o CNRS recusou-se a apoiar financeiramente a edição. Marcel Cohen não conseguiu alterar a posição dos membros da comissão de linguística que, longe de se interessar pela escola fonológica de Praga, decidem contribuir financeiramente para a publicação do atlas linguístico cuja fraqueza havia, até então, impedido o estudo da variação da língua.

Uma recusa cheia de consequências, visto que Cantineau teme a abertura de um processo entre seu editor, Bontemps, que retém as provas da obra, e a Universidade de Argel que havia feito um adiantamento importante para a publicação da obra.

Em 24 de janeiro de 1949, Cantineau assim inicia a sua carta:

Caro Senhor, se eu soubera que o senhor possuía um galpão à venda na periferia, talvez eu o tivesse comprado, já que vendi minha casa de Marselha e comprei aqui um casebre. Mas agora estou novamente duro...! Qualquer que seja a sua ideia de comprar o estoque do Troubetzkoy, se você não teme ficar com seu dinheiro parado por um certo tempo, seria bem-vinda, já que a questão não avançou nenhum passo. Há 1560 exemplares custando 765.680 francos, ou seja, em média 490 francos por exemplar. Mas a Faculdade de Letras de Argel pagou 190.000 francos, o que reduz a soma a ser paga a 575.680 francos¹².

Certamente, os riscos de um processo desaparecem, mas falta ainda encontrar um editor que aceite a publicação da obra em uma de suas coleções.

E ainda aí, o papel de Haudricourt será determinante. O Museu do Homem, na pessoa de Paul Rivet, também se opõe a qualquer apoio financeiro. O livro lhe parece extremamente curto. É então a Laurent Klincsieck, em cuja editora Haudricourt publica seu *Ensaio para uma história estrutural do fonetismo francês*, obra também inteiramente financiada por Haudricourt, que Cantineau envia sua tradução. Esta é aceita em 20 de maio de 1949. O contrato, assinado entre as três partes, estipula que 500 exemplares serão vendidos para os estudantes ao preço de 850 francos; 800 exemplares, ao preço de 1300 francos; 100 exemplares, dados a Argel; 50 para o Instituto de Rabat; 25 exemplares, dados ao autor e 35 serão reservados para a imprensa.

Cantineau compromete-se igualmente a preparar da melhor maneira possível a recepção da obra. Uma questão tornada particularmente difícil em razão da publicação simultânea do livro de Haudricourt e de Julliard pela mesma editora.

Para os dois autores, parece importante distribuir as duas obras da melhor maneira possível, a fim de evitar efeitos de ofuscamento em diferentes resenhas. A escolha dos autores será, em todo caso, objeto de inúmeras discussões. Então, Martinet é sondado em relação ao *Bulletin de La Société de Linguistique* e Jakobson em relação às revistas *Word* e *Langages*. Meile é escolhido para o *Journal asiatique*, Haudricourt para o *Bulletin de l'EFEO* (uma resenha que nunca será publicada), Robert Loriot para a revista *Romania*, Georges Gougenheim para a *Français moderne*, André Mirambel para a *Revue des études grecques*, André Vaillant para a *Revue des études slaves*, André Basset para a *Revue Africaine*, Aurélien Sauvageot para a *Revue Lingua*, Jacques Faublée para a *Revue des Africanistes*¹³.

Por trás destes públicos extremamente diversificados, é preciso também observar, em algumas escolhas, uma lógica de carreira e a busca da legitimidade acadêmica.

A última parte da correspondência é exclusivamente voltada para a questão do reembolso da soma empenhada por Haudricourt¹⁴. “Você recuperou seu capital?”, pergunta-lhe Cantineau em 1952, “É necessário aumentar o preço de venda?”. A questão é bastante sensível, uma vez que a segunda edição dos *Princípios* é prevista para 1954. A questão dos direitos se coloca novamente, visto que Haudricourt, ainda não integralmente reembolsado de seu adiantamento, possui o direito sobre os originais da obra até 1955.

Notemos, enfim, que em sua correspondência, Cantineau participa ativamente – e, com frequência, de forma calorosa – das discussões e das controvérsias que agitam a disciplina linguística. Em 3 de novembro de 1949, ele indica, por exemplo: “há algo que me choca um pouco: é a mania desses

americanos (que Troubetzkoy também possuía em sua morfologia do russo) de denominar de morfema o que eu chamaria de semantema”. Em 8 de agosto de 1954, ele utiliza pela primeira vez a máquina de escrever, com a finalidade precisa de redigir uma carta virulenta contra um de seus detratores americanos: “Escrevo-lhe [diz ele a Haudricourt] à máquina de escrever porque desejo guardar uma cópia desta carta em que expresso sem rodeios minha opinião sobre M. S. Ruipérez *The Neutralization of Morphological Oppositions*”¹⁵.

A CORRESPONDÊNCIA CIENTÍFICA É UM *CORPUS* CONFIÁVEL?

Estas informações podem hoje nos parecer anedóticas, contudo, é necessário reconhecer que a consideração dos arquivos pessoais de eruditos, e mais particularmente, as correspondências, trazem inúmeras vantagens para uma história recente das ciências sociais. É preciso ainda transformar este tipo de documento em uma fonte essencial visto que, como observa J. M. Chapoulie (2008, p. 114), “este tipo de documento permite ter acesso tanto à dimensão subjetiva da relação entre produtores e obras quanto às carreiras intelectuais e institucionais”.

Para além de uma abordagem estritamente exegética ou genética que considera este tipo de documento como um “rascunho”, assinalando cada sinal de hesitação, cada correção, cada *lapsus calami*, a carta científica deve, para desempenhar seu papel, ser articulada a partir de outros tipos de questionamentos e, portanto, de abordagens.

Sem entrar em um inventário detalhado, é possível mencionar vários pontos:

- a) Este tipo de arquivo privado permite mensurar a importância das redes intelectuais mas, sobretudo, reavaliar o papel dos atores e de suas vontades face àqueles normalmente atribuídos às instituições de pesquisa¹⁶ Uma análise mais sistemática desta correspondência teria certamente permitido precisar o papel de outros atores que, muito frequentemente, foram considerados como secundários na execução deste projeto. Evocamos o papel de Marcel Cohen, mas poderíamos igualmente ter insistido no de A. Martinet que, em sua correspondência com Haudricourt, não escondeu sua inquietude quanto à execução de um tal projeto editorial.
- b) Esta correspondência permite também abordar uma questão central, ainda bastante negligenciada pelos historiadores das ciências sociais: a relação, às vezes difícil, estabelecida entre a novidade científica e sua publicação. Uma relação que parece bastante complexa, na medida em

que a obra possua, ou não, uma contribuição restrita. No presente caso, a fonologia diacrônica é ainda pouco conhecida e ainda menos lida na França. O risco editorial parece extremamente grande. Isto explica a recusa dos editores contactados por Cantineau antes de Klincsieck. Por outro lado, os principais atores ligados ao projeto (Cantineau, Cohen, Haudricourt, Martinet...) procuraram o tempo todo argumentar sobre a contribuição incomparável do método estrutural de Troubetzkoy para o conjunto das ciências humanas.

- c) Este tipo de correspondência indica igualmente como esta modalidade de pesquisa, seja ela tomada sob o ângulo da concepção, da edição ou de sua difusão, é sempre um empreendimento coletivo e deve ser analisado como tal. Estas cartas nos ensinam muito sobre o exercício de um ofício científico em seu cotidiano e em sua rotina. A carta, inclusive a científica, conserva-se como um escrito não calculado, não vigiado, redigido frequentemente de forma irrefletida, em qualquer canto. Apesar de tudo, esta abordagem permanece difícil de se formular por uma simples razão: é extremamente difícil poder discernir o que diz respeito à esfera privada do que diz respeito à esfera profissional¹⁷.

CONCLUSÃO

A “carta” científica é seguramente um “objeto” a ser pensado pelo historiador das ciências sociais que queira estudar a atividade de produção do saber.

Certamente, trata-se de um laboratório que permite acompanhar, às vezes em detalhe, as diversas fases do projeto científico: do simples projeto à publicação do livro, em seguida, sua recepção pela crítica – frequentemente comentada, por sua vez, pela carta; mas sobretudo, ela permite revisitar o trajeto das obras, seu atraso, sua impossibilidade e, para algumas dentre elas, seu segredo de fabricação.

Um certo número de problemas não deve ser negligenciado: o que fazer com correspondências incompletas, o que fazer com estes fantasmas de cartas que apenas existem através de dedução feita a partir de outras cartas que as citam ou a elas aludem? Em todo caso, é necessário empreender uma análise material de cada documento (que data, que papel, que caligrafia, que extensão, que intervalo entre duas cartas... A isto, é necessário acrescentar a consideração da triagem e da classificação efetuadas quando do inventário destes arquivos). Inúmeros parâmetros que a carta transmite apesar de si, mas que possuem um interesse crucial para sua revisão.

SOME REMARKS ABOUT THE PHONOLOGY AND ITS RECENT HISTORY: THE CASE OF THE CORRESPONDENCE BETWEEN JEAN CANTINEAU AND A. G. HAUDRICOURT

ABSTRACT: This essay intends to introduce and experiment a new model of scientific correspondence analysis, relying on the correspondence between linguists A. G. Haudricourt and J. Cantineau on the translation and publications of Troubetzkoy's "Principles of Phonology" in 1949.

KEYWORDS: Linguistics, Phonology, Methodology, History of the Human Sciences.

NOTAS

- 1 A primeira edição da obra, *Grundzüge der Phonologie*, foi publicada em Praga em 1939 após a morte do autor.
- 2 Claude Lévi-Strauss encontra na fonologia de Troubetzkoy não apenas uma primeira explicação científica da questão da passagem do estudo de fenômenos conscientes à sua infra-estrutura inconsciente, mas sobretudo a noção de "sistema": "os sistemas de parentesco, como os sistemas fonológicos, são elaborados pelo espírito no estágio do pensamento inconsciente; enfim, a recorrência, em regiões remotas do mundo e em sociedades profundamente diferentes, de formas de parentesco, regras de casamento, atitudes similarmente prescritas entre tipos de parentes, etc., fazem crer que, em um caso como no outro, os fenômenos observáveis resultam do jogo de leis gerais, embora ocultas (LÉVI-STRAUSS, 1972).
- 3 Troubetzkoy estava perfeitamente consciente do fato de que suas análises fonológicas ultrapassariam o domínio puramente linguístico. Em sua autobiografia, ele assinala que: "já nesta época (1909), eu estava persuadido de que a linguística era a única ramificação das ciências humanas que possuía um método científico positivo, enquanto que todas as outras, a etnografia, a história das religiões, a história das civilizações, etc., não poderiam passar de seu nível "alquímico" a um nível superior senão adotando um método de trabalho análogo ao da linguística" (TROUBETZKOY, 1975, p. XV).
- 4 Esta correspondência é composta de cartas de Jean Cantineau a A. G. Haudricourt. Estas 32 cartas foram escritas e enviadas entre 1947 e 1956.
- 5 Para mais informações sobre o percurso de Jean Cantineau, ver Marçais e Robert (1956).
- 6 O aspecto fragmentário dos dados biográficos não deve ser percebido como um

- obstáculo insuperável. Pierre Bourdieu precisa sobre este ponto: “é melhor saber poucas coisas sobre muitas pessoas ligadas de modo sistemático do que tudo sobre apenas uma. Isto quer dizer ainda que as propriedades mais importantes de cada produtor estão em suas relações objetivas com os outros, isto é, fora dele, na relação de concorrência objetiva, etc.” (BOURDIEU, 1976, p. 420).
- 7 Os linguistas herdeiros de Meillet mantiveram esta preocupação com o social. Cada um a sua maneira, eles recorreram em suas análises a uma explicação causal dos fatos de linguagem e, para seus domínios culturais respectivos, procuram demonstrar que a diferenciação das línguas se explicava, antes de tudo, pela influência externa e, em primeiro lugar, pela questão dos contatos e dos empréstimos. Ver o artigo de A. Meillet (1905-1906).
 - 8 É nesta revista, por exemplo, que Claude Lévi-Strauss publica seu primeiro artigo importante “Análise estrutural em linguística e em etnologia”, que será retomado em seguida na *Antropologia estrutural*, em 1958.
 - 9 Quando a este ponto, ver o artigo de Pierre Encrevé (1997).
 - 10 Haudricourt relembra este momento em sua biografia: “Ao partir para os EUA, Martinet me propôs assumir seu curso em seu lugar, oferecendo-me a metade de sua remuneração da EPHE. Mas Mario Roques me impediu de continuar este ensino na sala da Escola. Acompanhado por minha pequena tropa de estudantes, entre os quais havia Jean Guiart, Guy Stresser-Péan, Joseph Tubiana, [...] refugiei-me em uma sala livre da Escola de Línguas Orientais [...], Tubiana me avisou que em seu alojamento, na Casa da Indochina, na *Cité Universitaire*, havia uma sala livre no porão. Foi neste lugar que terminei meu seminário” (HAUDRICOURT; DIBIE, 1977, p. 76).
 - 11 André Martinet foi o primeiro a dar uma visão de conjunto das ideias fonológicas de Troubetzkoy. Ver Martinet (1938).
 - 12 Para ser preciso sobre esta questão de números, Haudricourt deve ainda acrescentar 73.996 francos de impressão para uma segunda tiragem que pertence ainda ao editor Bontemps.
 - 13 A escolha dos autores para o livro de Haudricourt parece mais difícil: Jean Cantineau é previsto para a *Revue Africaine*, assim como Lorient para *Revue des dialectes Belgo-Romans* e Godel para os *Cahiers Ferdinand de Saussure*.
 - 14 Entrementes, Haudricourt se tornou, em 1949, membro da comissão de linguística. Ele apoiará ativamente numerosos projetos coordenados por Marcel Cohen sobre a descrição dos dialetos (dialetologia), sobre a linguística histórica e, sobretudo, sobre a classificação das línguas do mundo.
 - 15 Como relembra Christian Jacob (2008): “Pode-se separar aqui a esfera privada

da esfera profissional, os protagonistas e os figurantes de segundo plano, mas também uma gama complexa de posicionamentos sociais e profissionais: colegas, assistentes, estudantes, editores, pessoal administrativo, etc.”

- 16 As estratégias são múltiplas, sobretudo quando se trata da questão dos cargos. Em uma carta de Cantineau datada de 29 de maio de 1949, pode-se ler: “Uma cátedra de fonologia ou de tecnologia na altos estudos lhe cairia como uma luva. De fato, estou muito bem com ‘Gernet Sênior’, como você diz, que durante 15 anos foi meu decano em Argel. Nós fomos almoçar na casa dele na terça da semana passada: eu lhe falei da questão e o apoio dele a você está assegurado”.
- 17 Cantineau não é econômico em seus conselhos, embora todos façam referência a uma experiência pessoal – como este, de 1947: “No que concerne à neutralização da sonoridade em Valenciennes, dado que os dialetos locais estão quase desaparecidos e que há um grande desejo geral de se falar corretamente, não se pode interrogar os sujeitos para saber se eles confundem: eles lhe responderão sempre ‘não’. É necessário observá-los sem dizer nada”.

REFERÊNCIAS

- BERT, Jean-François. Marcel Cohen et André Georges Haudricourt: un regard singulier sur la linguistique. *Langages et societies*, n. 128, p. 77-98, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. Les conditions sociales de la production sociologique: sociologie coloniale et décolonisation de la sociologie. In: *Le mal de voir*, Cahiers Jussieu, 1976. p. 416-427.
- CANTINEAU, Jean. Préface. In: TROUBETZKOY, N. S. *Les principes de phonologie*. Paris: Klincksieck, 1949. p. IX-X.
- CARTAS de Jean Cantineau a A. G. Haudricourt. 32 cartas escritas e enviadas entre 1947 e 1956. *Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine (IMEC)*.
- CHAPOULIE, Jean-Michel. Un cadre d'analyse pour l'histoire des sciences sociales. *Revue d'histoire des Sciences Humaines*, n. 13, p. 99-126, 2005.
- ENCREVÉ, Pierre. L'ancien et le nouveau: quelques remarques sur la phonologie et son histoire. *Langages*, v. 31, n. 125, p. 100-123, 1997.
- HAUDRICOURT, A. G. Quelques principes de phonologie historique. *Travaux du cercle linguistique de Prague*. VIII, p. 270-272, 1939.
- HAUDRICOURT, A. G.; DIBIE, Pascal. *Les pieds sur terre*. Paris: Métailié, 1987.
- JACOB, Christian. Le miroir des correspondances. In: *S'écrire et écrire sur l'Antiquité: l'apport des correspondances à l'histoire des travaux scientifiques*. Paris: Millon, 2008. p. 7-17.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologie structural II*. Paris: Plon, 1972.
- MARÇAIS, Willian; ROBERT, Louis. Éloge funèbre de Monsieur Jean Cantineau. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, v. 100, n. 2, p. 150-154, 1956.
- MARTINET, André. La phonologie. *Les français moderne*, n. 2, p. 131-146, 1938.
- MARTINET, André. Préface. *Essai pour une histoire du phonetisme français*. Paris: Klincksieck, 1949.
- MEILLET, A. Comment les mots changent de sens. *L'année sociologique*, Paris, 9, p. 1-38, 1905-1906.
- TROUBETZKOY, N. S. *Les principes de phonologie*. Paris: Klincksieck, 1949.
- TROUBETZKOY, N. S., Notes autobiographiques. In: *Principes de phonologie*. Paris: Klincksieck, 1949. p. XV-XXIX.
- TROUBETZKOY, N.S. *Letters and Notes*. Berlin; New York: R. Jakobson; Amsterdam: Mouton, 1975.

